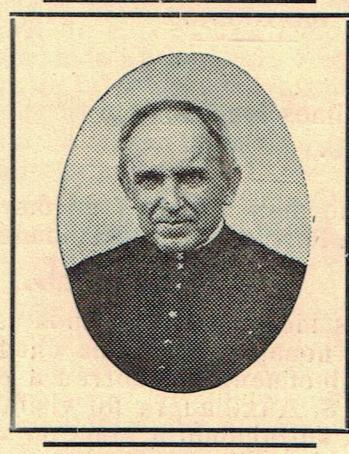


7/3/68



Pe. Constantino Zajkowski

Rio Grande, 24 de julho de 1968.

Caríssimos Irmãos,
L. J. C.

Ao meio dia de 7 de março dêste ano faleceu piedosamente na Beneficência Portuguesa desta cidade, onde se encontrava internado, ja alguns anos, o

Revmo. Sr. Pe. Constantino Zajkowski

o mais idoso dos salesianos da Inspetoria de S. Pio X. Uma vida laboriosa, quase nonagenária, tinha chegado ao seu término. Num instante, a notícia do seu falecimento percorreu a cidade do Rio Grande. O corpo exposto na Igreja de N. S. Auxiliadora foi visitado por grande número de fiéis em câmara ardente, sufragando a alma do venerando sacerdote amigo, que por muitos anos foi o seu diretor espiritual.

Padre Constantino Zajkowski, filho de José Zajkowski e de Suzana Zajkowska, nasceu na heróica Polônia, aos 2 de outubro de 1878, na cidade de Goniondz. Os seus piedosos pais souberam transmitir a seu filho uma profunda convicção religiosa e sólida piedade. No ambiente de bons costumes daquela gente simples, manifestou-se a vocação religiosa do jovem Constantino. Para seguir ao chamamento de Deus deixou aos 16 anos o torrão natal entrando no Colégio Salesiano de Lombriasco em 1894. No dia da Assunção entrou no noviciado de Foglizzo, recebendo a batina das mãos de Dom Miguel Rua. Diante do 1º sucessor de Dom Bosco fêz também a sua profissão perpétua no dia 3 de outubro de 1898.

Os cinco anos passados ao lado dos salesianos contemporâneos do nosso santo fundador foram determinantes para a vida do clérigo Constantino. Só assim podemos compreender o seu grande respeito e veneração para com os superiores e o amor para com a Congregação em todas as fases de sua vida.

Terminados os estudos filosóficos em Ivrea, veio ao Brasil em companhia de Dom Lourenço Giordano, no dia 30 de novembro de 1899. A obra salesiana no Brasil estava ainda no seu início. Havia dificuldades das mais diversas, e para o nosso jovem clérigo, mais as do novo clima, da língua diferente e os novos costumes, mas, se adatou rápida e generosamente. Seus estudos de teologia os fêz na Bahia e em Recife. Uma vez ordenado sacerdote estava aberto ao apostólico zêlo do nosso Pe. Constantino um vastíssimo campo na educação e no ministério sacerdotal. Encontramo-lo no cargo de conselheiro escolar, professor, ecônomo e confessor nas casas do Norte do Brasil: Bahia, Recife e Sergipe.

Seja por amor às almas dos seus compatriotas, seja por motivo de saúde, em 1922 à 1923 transferiu-se para o Liceu Salesiano Leão XIII trabalhando na casa mais antiga da Inspetoria, na qualidade de conselheiro escolar e confessor. Nos anos de 1924 a 1934 trocou a pedido do então inspetor Pe. Pedro Rota a cátedra do magistério pela atividade de vigário na Paróquia de S. Feliciano. Aqui o zêlo do novo vigário não conhece limites. Tudo fêz como pastor no campo religioso, social e material da Colônia de S. Feliciano, desenvolvendo um trabalho extraordinário em prol daqueles que vivem no interior. Foi êle o líder do primeiro movimento de emancipação de Dom Feliciano. Perante as autoridades governamentais o vigário intervém em favor dos seus paroquianos agricultores. Na sede da comunidade funda um grupo

escolar e mais 14 escolas no interior. No lombo do cavalo, visita as numerosas capelas e encontra tempo para ajudar aos seus colegas, os vigários vizinhos. Surge a Cooperativa, o Hospital, a Banda de Música etc. Tudo devido ao esforço do padre. É neste tempo que encontramos ao seu lado como vigário cooperador o Pe. Rodolfo Komorek, este último, falecido em fama de santidadade na cidade de S. José dos Campos. Os dois virtuosos filhos de S. João Bosco lançaram pelos seus exemplos a semente da vocação da vida religiosa e sacerdotal em muitos corações de jovens sãofelicianos.

Após 12 anos de profícuo vicariato volta o nosso Padre Constantino para o Liceu Leão XIII, do Rio Grande, inicialmente ocupando os cargos de conselheiro escolar, econômo e professor tornando-se o confessor mais procurado. Foi de uma dedicação extrema para com os doentes atendendo o maior bairro da cidade merecendo ser chamado o "Apóstolo da Cidade Nova". Como foi edificante sua pobreza! Nada para si mesmo, parecia ser o seu lema, enquanto tinha um coração generoso para com os pobres e para com os meninos. Dava aos necessitados o de que ele mesmo estava precisando! Como zelava pelo altar e pelos vasos sagrados! A todos inculcava um sumo respeito e amor a Jesus em Sacramento, tornando-se até quase intransigente.

Quanta delicadeza no trato com outras pessoas. Pe. Constantino era de uma modéstia para consigo mesmo e de uma atitude delicada para com os outros; virtudes essas que já admiramos nos primeiros discípulos de Dom Bosco. - O confessionário era o seu lugar preferido. Não esperava ser chamado. Os penitentes o encontravam sempre no seu lugar ou rezando o santo têrço ou lendo o seu breviário.

Em 1954 os salesianos e paroquianos e amigos prepararam ao digno jubilar a festa de suas Bôdas de Ouro Sacerdotais, homenagens estas que o festejado por modéstia teria recusado. Por mais de dez anos o nosso venerando Pe. Constantino é o guia espiritual de muitas almas no tribunal da penitência; quando enfim, já sentindo suas fôrças diminuirem pediu aos superiores para passar o resto dos seus dias no Hospital da Beneficência Portu- guêsa. Este internamento voluntário, um retiro de 4 anos, o preparou santa- mente para a morte. O bom povo católico e de modo particular a juventude riograndida em cujo favor Pe. Constantino trabalhou 39 anos estão guardando dêle a mais grata memória.

A Missa de corpo presente celebrada no dia 8 de março teve por prin-
pal celebrante o Sr. Bispo Auxiliar de Pelotas Dom Ângelo Mugnol, o vi-
gário e econômo inspetoriais, o Pe. diretor da Casa do Pequeno Operário de
Pôrto Alegre e mais três sacerdotes citadinos. O Sr. Bispo Auxiliar fêz o elo-
gio fúnebre. A numerosa assistência aos funerais deu prova da grande esti-
ma de que o extinto gozava nesta cidade marítima.

No cemitério local deram o último Adeus: o representante do Sr. Pe. Inspetor, o Pe. Lauro Venturi e o vereador Dr. Francisco Santana; interpretan-
do, o primeiro, os sentimentos e agradecimentos dos salesianos, e o segundo, os do povo católico da cidade. No jazigo dos salesianos ideado pelo mesmo
falecido ele espera ao lado do Pe Allievi o dia da ressurreição final. A nós
irmãos, compete anuindo ao desejo do defunto, sermos generosos em sufra-
gar aquêle que nos precedeu na caminhada rumo à casa do Pai.

Nas suas orações queiram lembrar-se dos salesianos dêste Liceu e do seu

em Dom Bosco Santo

Pe. Érico Schmengler
diretor